

## Mas, afinal, nós quem somos?



Permita-me conduzi-lo(a) a uma jornada que transcende o tempo e o espaço, onde cada página é um portal e cada livro, um universo por si só. Você está cordialmente convidado(a) a adentrar as portas mágicas da nossa Biblioteca Municipal, onde a literatura indígena tece histórias como estrelas no firmamento.

Imagine-se cruzando o limiar de uma vasta floresta encantada. Cada estante é uma árvore ancestral, suas folhas transbordando sabedoria e mistério. O aroma de páginas antigas perfuma o ar, evocando a presença dos guardiões das palavras – os anciãos e contadores de histórias que moldaram o tecido de nossa existência.

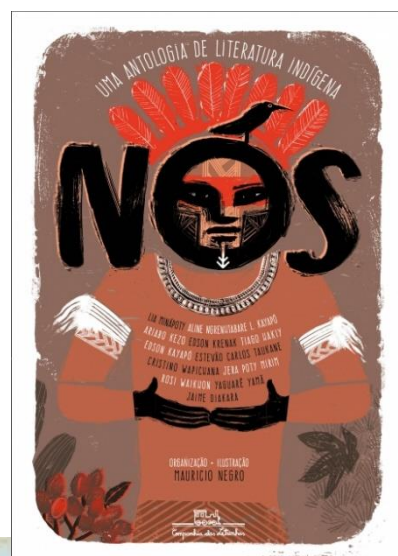
A pergunta que está na introdução do livro “Uma Antologia de Literatura indígena”, organizada e ilustrada por Mauricio Negro (2019), artista gráfico, ilustrador e escritor brasileiro, “Mas, afinal, NÓS quem somos?”, quer apresentar histórias inspiradoras, narradas pelos mais velhos aos mais novos, aos redor de uma fogueira na boca da noite! Cada qual sob sua cultura, língua, costumes, tradições e território.

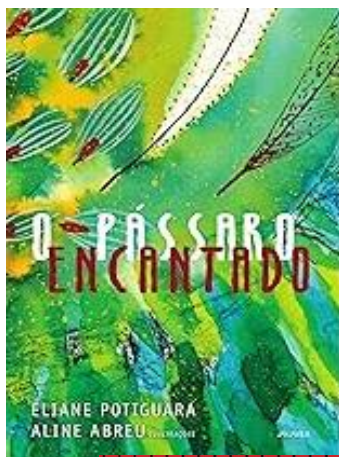
A cultura indígena é rica em diversidade, pois não há apenas uma única cultura, assim como não há apenas um único povo; as crenças, tradições e a arte variam de comunidade para comunidade, e é comum que os mitos e crenças sejam passados oralmente pelos mais velhos para os mais novos.

É importante, ao contar a história do povo indígena ou ler uma, acolher, proteger e conhecer as suas identidades, pois é maior que o imaginário de muitos pesquisadores, antropólogos, aventureiros e escritores não indígenas. Os indígenas podem nos ensinar a viver melhor em um mundo pior; podem nos ajudar a redesenhar a paisagem que a sociedade vigente desfigura; a recuperar valores essenciais de convívio, compreensão e comprometimento para enfrentar as dramáticas alterações que causamos aos biomas, à fauna e ao clima.

O falecido líder indígena Moura Tukano, um dos padrinhos da atual geração de indígenas escritores, certa vez confessou que estranhava a humanidade “branca” precisar de anos de formação para aprender o valor das coisas, das plantas, dos animais, dos seres humanos. E, em contrapartida, levar tão pouco tempo para conhecer o valor dos minérios. Por isso, a literatura indígena carrega o desejo profundo de reatar e fortalecer os laços entre todos nós, de uma sabedoria antiga, cujos ecos ainda estão por aí pedindo reforço em palavras e imagens.

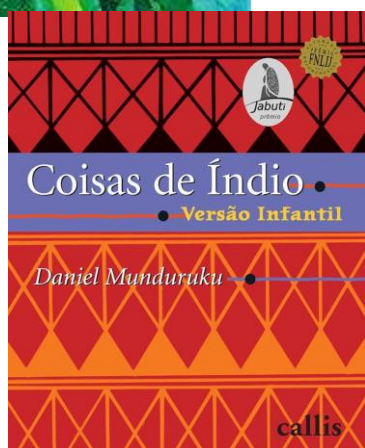
Escreve Daniel Munduruku (2021, p. 104): Costumo dizer que escrevo por puro egoísmo, porque, assim, não esqueço quem sou, de onde venho e o que faço neste mundo. Escrevo, portanto, primeiro para mim”. A literatura indígena pode abrir e há de abrir sendas para a literatura brasileira, escreve a antropóloga Betty Mindlin no livro “Morõgetá Witã: oito contos mágicos” (cf. YAMÃ, 2014, prefácio).





É um tipo de linguagem artística que **apresenta “as vozes” da própria cultura indígena**, afirma Elizabeth Serra na apresentação do livro “A chave do meu sonho: ou como um parafuso frouxo fez-me encontrar a chave e o sonho” (MUNDURUKU, 2021).

Ao caminhar por entre os corredores, da Biblioteca Municipal, seus passos ressoarão como cantos antigos, ecoando lendas de coragem, amor e resistência. Em cada livro, descobrirá o espírito das tribos, seus ritos sagrados, suas batalhas épicas e celebrações. É um convite para ouvir o sussurro dos rios, sentir a dança do vento e desvendar os segredos das montanhas.



Neste santuário do saber indígena, você encontrará narrativas que dialogam com a alma, revelando uma conexão profunda com a natureza e o cosmos. As histórias indígenas são pontes que nos conectam ao passado, iluminando o caminho para o futuro. Elas nos convidam a refletir sobre nossa própria jornada, a honrar a terra que nos sustenta e a respeitar todas as formas de vida que nela habitam.

Aventure-se por entre os livros de...

- ✓ **Daniel Munduruku** (Kabá Darebu; Coisas de índio: versão infantil; O segredo da chuva).
- ✓ **Ailton Krenak** (Ideias para Adiar o Fim do

Mundo).

- ✓ **Eliane Potiguara** (A cura da terra; O pássaro encantado).
- ✓ **Cristino Wapichana** (A boca da noite).
- ✓ **Tiago Kakiy** (Guaynê, Derrota a Cobra Grande; O Canto do Uirapuru: Uma História de Amor Verdadeiro; Noçoquém, a floresta encantada).
- ✓ **Yaguarê Yamã** (Guayarê: o menino da aldeia do rio).

... e permita-se ser tocado pela magia das palavras indígenas. Deixe que suas histórias transformem sua visão de mundo, enriquecendo seu espírito com a sabedoria dos povos originários. “É possível perceber como é diferente” (YAMÃ, 2014) e, precisamos aprender é ficar doente dos olhos, como diria educador Rubem Alves.

Os textos são para ficar doente dos olhos. Ou seja, para que aprendamos a questionar a história que nos foi ensinada, para criar o desejo de aprender, para acender a chama da curiosidade pelas outras vidas que não a nossa.

Por Reginaldo Goulart de Oliveira  
Mestrando PPGIELA

